

RAISSUMIDA

Ano 33 - Nº 52 - Santa Maria/RS - Maio de 2011



LEIA-NOS!

FEIRA, CULTURA, OPINIÃO E MAIS!



Opinião Cesma

No último mês de abril realizamos nossa Assembléia onde, de acordo com estatuto, houve a renovação de parte do Conselho Administrativo e Fiscal. Também foi reeleita a Diretoria para o próximo biênio. Essa forma democrática, plural e cooperativa de eleger e encaminhar propostas nos caracteriza faz trinta e três anos - aniversário a ser comemorado no próximo 16 de junho.

Nos orgulhamos de poder manter todos os ideais das pessoas que fundaram a cooperativa e, de todos aqueles que dedicaram e dedicam suas trajetórias para auxiliar na construção da Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria.

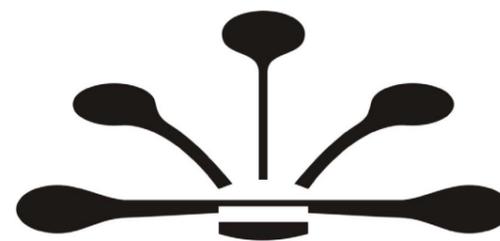
Analisando nossas recentes iniciativas, partilhamos a criação de um setor de artes no segundo andar, onde envolvemos a videolocadora, onde estão, além de centenas de filmes, livros de cinema e arte e um espaço exclusivo para exposições, recém inaugurado e que passa a integrar os espaços de fruição artística de Santa Maria e Região.

Também nossa trajetória no cineclubismo, com o Lanterninha Aurélio e, nas parcerias com os cineclubes SMVC - Santa Maria Vídeo e Cinema e Abelin nas Nuvens - de Silveira Martins - e diversos outros cineclubes, fizeram com que na última Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em Pernambuco, em dezembro de 2010, fossem eleitos três cineclubistas associados da CESMA para a direção nacional do CNC - Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros. Essa, certamente, uma conquista a ser dividida com muitos que auxiliaram nessa trajetória.

Ainda, na mesma área é fundamental lembrar que em novembro de 2010, realizamos no Auditório João Miguel e Souza um encontro de cineclubes gaúchos onde foi criada a FECIRS - Federação de Cineclubes do Rio Grande do Sul. Tudo isso ao encontro da forma cooperativa e associativa que compreendemos o que nos cerca.

Novidades estão sendo preparadas: novo sítio na internet e também por ele, outras formas de interlocução com nossos associados.

Por tudo isso reiteramos que a CESMA é feita por todos nós!



Cesma

Expediente

CESMA

Presidente: Luiz Alberto Brizola Cassol

Vice-presidente: Luiz Geraldo Cervi

Secretário geral: Aguinaldo Medice Severino

Conselho de Administração

Presidente-Luiz Alberto Brizola Cassol - matr.14362

Vice Presidente- Luiz Geraldo Cervi - matr.00197

Secretário- Aguinaldo Medice Severino - matr.16092

Gilvan Odival Veiga Dockhorn - matr.05193

Dilson Nicoloso Cechin - matr.12406

Paulo Alberto Lovatto - matr. 02817

Luis Carlos Flores Grassi - matr.30819

Conselho Fiscal

Athos Ronaldo Miralha da Cunha - matr.04433

Cláudio Reichert do Nascimento - matr.29411

Luciano Faustinoni - matr. 15812

Humberto Gabbi Zanatta - matr.00049

Luis Ernani Bonesso Araujo - matr.05716

Patrícia da Silvia Cecim - matr. 20791

RASCUNHO

JORNALISTA RESPONSÁVEL : ELISA FONSECA

MTB. 13.864

EQUIPE RASCUNHO: BIBIANA CAMPOS, MICHELLE TEIXEIRA, RODRIGO RICORDI.

TIRAGEM: 2MIL EXEMPLARES

CESMA - COOPERATIVA DOS ESTUDANTES DE SANTA MARIA LTDA.

RUA PROFESSOR BRAGA, 55 -SANTA MARIA - RS

CEP 97015-530

HTTP://WWW.CESMA.COM.BR

OS TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DE SEUS AUTORES.

Opinião Rascunho

Fundo de cultura e LIC

Santa Maria ostenta o título de cidade cultura. E, inegavelmente, é um título merecido. A cidade tem uma efervescência cultural nos mais variados segmentos. A produção artística é profícua e de boa inserção na comunidade. Nesse sentido Santa Maria pulsa.

Não cabe salientar e discorrer sobre os mais variados eventos, pois, certamente, esqueceríamos algum e todos têm o seu grau de importância. Nossa cidade possui inúmeras e excelentes produções culturais, mas citaremos dois importantes eventos em que a CESMA está comprometida diretamente. E por envolverem várias entidades tornam-se, também, produções cooperativas. A Feira do Livro que remonta a década de 70 do século passado, sendo o maior evento cultural da cidade, (e que este Rascunho dedica parte de suas páginas) e o Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC) que já completou uma década de existência e, são eventos consolidados e que estão no calendário cultural da cidade e projetam o coração do Rio Grande para o Brasil. Alguém imaginaria um mês de maio sem a feira do livro? Inconcebível.

Mas para a concretude desses eventos - como também todas as demais produções culturais - há necessidade de um aporte financeiro. Nossos grandes eventos culturais não se sustentam com seus próprios recursos. Assim, vemos uma urgente e necessária discussão sobre a LIC - Lei de Incentivo à Cultura - e a formação de um fundo de cultura. Santa Maria precisa avançar com uma lei mais moderna de incentivo à cultura e a criação de um fundo.

Com a retomada das atividades do Conselho Municipal de Cultura de Santa Maria podemos acreditar que um planejamento cultural, bem como uma conferência municipal, que debata amplamente a cultura da nossa cidade.

A Cesma como uma cooperativa inserida no calendário cultural de Santa Maria - que tem seu foco na cultura e no cooperativismo - deseja que a cidade tenha uma lei de incentivo à cultura democrática e plural com critérios técnicos e objetivos para aprovação dos projetos e um fundo de cultura para democratizar a produção e desburocratizar as análises dos projetos.

Certamente, 2011 será um ano de grandes debates culturais na cidade e a Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria estará inserida nesse processo.

Uma biblioteca na praça!



Como tradição santa-mariense, a Feira do Livro chega para povoar, colorir e enriquecer a cidade. A partir do dia 30 de abril, a Praça Saldanha Marinho recebe mais uma vez, um dos maiores eventos de Santa Maria, a Feira do Livro.

A feira chega à edição de 2011, tendo como tema 'Deixe a leitura entrar na sua história' e terá 16 dias de acontecimentos.

A Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria é uma das entidades promotoras deste grande evento literário e cultural, e está presente desde longa data. A primeira feira do livro aconteceu em 1973, através do empenho de alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria.

Após 38 anos, a feira aumentou muito em estrutura, público e circulação de livros. Um outro fator enriquecedor é a quantidade de autores e obras locais, para esta edição estão contabilizadas em torno de 60 publicações. Estima-se que a feira de 2011, supere os números e a abrangência da edição de 2010, que contabilizou 32 expositores e mais ou menos 32 mil títulos expostos ao público.

A Feira já é um acontecimento tradicional da cidade, tornando-se um espaço de busca, intercâmbio e fruição de conhecimento. E o caráter cultural da feira não se resume na compra e venda de livros, apenas. Durante os 16 dias de acontecimento ocorrerão lançamentos de obras com a presença de seus autores, programações infantis, bate-papos culturais e espetáculos musicais e teatrais.

A CESMA, como tradição, estará na Feira e conta com a presença de todos!

Homenageado da Feira do Livro de 2011

A Feira do Livro de Santa Maria homenageará, este ano, quatro personalidades da cidade. Uma das homenagens será para José Mariano da Rocha Filho (in memorian), o fundador e ex-reitor da Universidade Federal de Santa Maria.

O médico, professor e fundador da UFSM, mudou o rumo da educação superior no interior do estado. Com a criação da Universidade, em 1960, Mariano da Rocha Filho fez com que Santa Maria se tornasse um pólo estudantil, o que só aumentou e ratificou-se ao longo dos anos.

Por sua grande atuação e colaboração na constituição cultural e educacional de Santa Maria, Mariano da Rocha recebeu em 1991 o título de cidadão santa-mariense do século, e em 1999 foi eleito Gaúcho do Século.

Autor de muitos artigos e com inúmeros trabalhos publicados no Brasil e no exterior, José Mariano da Rocha Filho, o primeiro patrono da Feira do Livro de Santa Maria, terá seu nome celebrado em 2011.



Veja abaixo as atividades que acontecem diariamente na programação da Feira do Livro:

Palco Livre: 13h30min às 16h30min

Espaço Criança: a partir das 13h30min

Carro Cultural SESI

Lançamento de Livros Infantis: 15h às 17h

Lançamento de Livros: 17h às 18h30min

Livro Livre: 19h

Confira a programação completa no site da Feira:

www.feiradolivros.com.br

José Mariano da Rocha Filho



Atrações do Livro Livre

DILAN CAMARGO nasceu em Itaquí, foi criado em Uruguaiana e cresceu na biblioteca do colégio onde cursou o ginásio – equivalente ao ensino médio – e na Biblioteca Pública. Desde cedo se envolveu com projetos voltados à cultura, principalmente jornais e programas de música em uma rádio, mas foi a poesia de Cecília Meireles que o influenciou a tornar-se escritor. Camargo é graduado no curso de Direito pela UFSM, tem mestrado em Ciências Políticas na UFRGS. Durante a faculdade, também foi ator de teatro universitário, militou o Movimento Estudantil, escreveu duas peças de teatro, coleciona dezenas de letras de músicas na voz de inúmeros e diferentes intérpretes e participou de festivais de música como letrista. Camargo tem 16 obras lançadas – cinco delas como organizador – desde sua primeira publicação que, neste ano, comemora 35 anos. Confira abaixo a listagem de títulos do autor:

Poeplano (2010)
Diário Sem Data de uma Gata (2010)
BrincRlar (2007)

DILAN CAMARGO
(SÁBADO, 30/04)



MARCELO CANELLAS
(SEGUNDA, 02/05)



MARCELO CANELLAS é jornalista, passo-fundense de coração e santa-mariense de criação: estudou no Instituto Metodista Centenário e, depois, desistiu do curso de agronomia para ingressar no jornalismo. Foi uma troca bem feita: iniciou a carreira na editoria política do jornal A Razão, e hoje é referência como profissional do jornalismo em todo o país. Participou da cobertura de fatos marcantes na história, tais como a chacina da Candelária, a passeata dos caras-pintadas pedindo impeachment de Fernando Collor, a implantação do Plano Real e o desabamento do edifício Palace II, tudo isso na década de 90. Canellas também é responsável por séries de reportagens sociais em defesa dos direitos humanos: uma tratava sobre a exploração sexual de menores no Acre e exploração do trabalho infantil no Nordeste, e a outra baseada no livro de Josué de Castro intitulado “Geografia da fome”, e tornou-se uma das séries mais premiadas do telejornalismo no país. Ele ainda participa de alguns jornais, como na coluna do Diário de Santa Maria, todas as quartas-feiras. Na literatura, Canellas aventurou-se em “O Maquinista Daltônico”, lançado na Feira do Livro de 2007.

O Maquinista Daltônico – Crônicas (2007)

MV BILL
(TERÇA, 03/05)



RODRIGO dMART & INDIO SAN
(QUARTA, 04/05)

Talvez o nome Alex Pereira Barbosa passe despercebido, mas o trabalho do carioca, conhecido pelo nome artístico de **MV BILL** não. O rapper, que está na ativa desde 1993, é um dos artistas mais versáteis e de maior renome no país: além de músico, ele também produziu o aclamado documentário “Falcão – Meninos do Tráfico”, dirigiu e roteirizou videoclipes, é ativista social (fundou junto com Celso Athayde e Nega Gizza a organização não-governamental CUFA – Central Única das Favelas, que está espalhado por todo o Brasil) e escritor. As obras lançadas por MV Bill são as seguintes:

Cabeça de Porco (2005)
Falcão - Meninos do Tráfico (2006)
Falcão - Mulheres e o Tráfico (2007)

RODRIGO dMART é músico, jornalista e escritor, nascido de Pelotas. Formou-se pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), trabalhou na Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVers) nos programas Estação Cultura e Jornal da TVE. Em 2001, como coordenador de Música e Artes Cênicas da Secretaria da Cultura de Pelotas, desenvolveu e fez parte de inúmeros projetos que levaram grandes nomes da música nacional à cidade. Entre 2004 e 2005, produziu e dirigiu Sonora Tribo ao lado de Yara Baugarten, também pela TVers, programa cujo o foco era a música instrumental gaúcha. Além de toda essa bagagem, também revisou e editou o livro “Aprenda A Organizar Um Show” lançado pela Imagina Conteúdo Criativo (também de dMart), do produtor cultural Alê Barreto e é baterista das bandas Doidivas e The Dancing Demons.

O santa-mariense Everson Nazari (mais conhecido por **INDIO SAN**) é ilustrador e designer gráfico, formado na Universidade Federal de Santa Maria. Trabalhou com peças gráficas para várias publicações, em editoriais e campanhas publicitárias no Brasil, e em outros países como França e Japão. Inspirado na lenda do Negrinho do Pastoreio de João Simões Lopes Neto, dMart, junto com o paulista Indio San, produziram a graphic novel “O Outro Pastoreio”.

O Outro Pastoreio (2010)

A gaúcha **CLÁUDIA TAJES** aprendeu que os erros contam mais histórias que os acertos, e também rendem risadas melhores. Foi com essa lição que ela “renasceu” ao publicar seu primeiro livro há onze anos. Cláudia já assinou alguns roteiros televisivos, escreve para o jornal Zero Hora há quase um ano, e ela está com tudo em 2011: no último dia 11 de Abril estreou no canal pago HBO a série “Mulher de Fases”, baseada na obra “Louca por Homem – Histórias de uma Doente de Amor”. Além de ser autora do livro que inspirou o seriado, Cláudia também assina o roteiro da série. Não é só na Terra Brasilis que Cláudia tem seu lugar cativo nas prateleiras das livrarias: a autora tem obras lançadas na Croácia, Itália e Portugal.

Dez (Quase) Amores (2000)
Dores, Amores e Assemelhados (2001)
As Pernas de Úrsula (2002)
Vida Dura (2003)
A Vida Sexual da Mulher Feia (2005)
Louca por Homem (2007)
Só As Mulheres E As Baratas Sobreviverão (2010)

Cantor,
para qu
foi divi
90, que
em 201
álbum

Satolep
A Estét
Pequod

DUCA LEINDECKER
(SEGUNDA, 09/05)



CLÁUDIA TAJES
(SEXTA, 06/05)

FABRÍCIO CARPINEJAR nasceu em Caxias do Sul, mas o escritor Fabrício Carpinejar nasceu “oficialmente” em 1998 com o lançamento de seu primeiro livro. Graduado em jornalismo e com mestrado em Literatura Brasileira, Carpinejar leva na bagagem dezesseis livros, diversos prêmios literários – inclusive internacionais –, e catorze Feiras do Livro por todo o Rio Grande do Sul, das quais foi escolhido patrono.

Mulher Perdigueira (2010)
www.twitter.com/carpinejar (2009)
Diário de Um Apaixonado – Sintomas de Um Bem Incurável (2008)

escritor, compositor e músico: assim o pelotense **VITOR RAMIL** pode ser descrito quem não o conhece. Talvez “Barão de Satolep” devesse ser adicionado à essa lista, pois dando o palco com seu alter-ego (assim intitulado), na transição da década de 80 para o público de Ramil se consolidou. Entre o primeiro álbum lançado em 1981 e o último, o artista ampliou o alcance de suas palavras de encartes de CDS para livros, entre um e outro.

(2008)
Música do Frio (2004)
... (1999)

TAILOR DINIZ
(SEXTA, 13/05)

VITOR RAMIL
(DOMINGO, 08/05)

MAURO BORBA
(SEXTA, 06/05)

MARIO PRATA
(QUINTA, 05/05)

FABRÍCIO CARPINEJAR
(SÁBADO, 14/05)

TAILOR DINIZ é jornalista, roteirista premiado internacionalmente e mora na capital gaúcha há quase trinta anos. Como escritor, tem onze livros publicados, dentre eles vencedores de diversos Açorianos de Literatura. É conhecido por seus livros policiais que, ao invés de puxarem para o suspense, seguem a linha da comédia.

A Confraria do Quibe
Crime na Feira do Livro
O Assassino Que Usava Batom

Há vinte e quatro anos, **DUCA LEINDECKER** impressionou tanto que o próprio Bob Dylan o convidou para abrir sua turnê brasileira, ao lado do instrumentista Frank Solari. Quatro anos depois, o álbum “Outras Caras” dava início à carreira da banda Cidadão Quem. A banda formada por Duca Leindecker (guitarra e voz), Luciano Leindecker (baixo) e Cau Hafner (bateria, falecido em Junho de 1999) conquistou seu espaço e tornou-se, ao lado de bandas consagradas e outras novas caras do rock gaúcho, uma das maiores referências do gênero no estado. Enquanto a Cidadão Quem faz uma pausa nos trabalhos, Duca é a “outra metade” do Pouca Vogal, projeto musical em parceria com Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii) que passa por Santa Maria no início de Maio.

A Casa da Esquina (1999)
A Favor do Vento (2003)

O mineiro **MARIO PRATA** “já fez de tudo”, como diz em seu site oficial, ele é dramaturgo, escritor e jornalista. Seu currículo na dramaturgia tem mais de vinte trabalhos, dentre eles novelas e minisséries de sucesso. Como jornalista, escreveu por vários anos na revista Época e no jornal O Estado de São Paulo. Enquanto escritor, Prata tem uma vasta lista de obras lançadas desde 1984, que cujos títulos podem ser conferidos abaixo:

Schifaizfavoire: Dicionário de Português
Os Viúvos (2010)
Sete de Paus (2009)

O cachoeirense **MAURO BORBA** é um verdadeiro guri de coração: trabalhando há 32 anos com o público jovem como radialista, a estrada percorrida nesse tempo rendeu inúmeras histórias. Esses “contos do cotidiano” falam sobre o relacionamento com as bandas e com os veículos onde trabalhou dos anos 80 aos anos 2000. Borba ainda comanda o Cafezinho, um dos programas de rádio de maior audiência em Porto Alegre, e A Hora do Rush, e Boys Don’t Cry pela rádio Pop Rock. Apesar dos quinze anos da obra, “Prezados Ouvintes” ainda é um relato atual e bem humorado sobre um mundo que, para o ouvinte, serve como lanterna em um quarto escuro. Vida longa ao que a música tem a dizer!

Prezados Ouvintes (1996)

Como fazer cultura?

Empreendedorismo cultural ganha forças em Santa Maria

Se a cultura não vem até nós, nós vamos até ela, certo? Em partes, já que “ir até” significa, em Santa Maria, “fazer” mesmo, e para fazer cultura, a cidade universitária conta com muitos jovens inquietos e muitas idéias.

Esse pessoal aposta em seus projetos e, para torná-los realidade, vai em busca de auxílio financeiro, muitas vezes amparados por leis de incentivo. É na procura por estes subsídios fiscais que surge um profissional, o principal responsável pelas ações culturais da cidade, protagonista de todo este processo: o empreendedor cultural, que faz a “cidade cultura” não estagnar.

Mesmo a cultura não ocupando o primeiro plano nas políticas públicas do país, a cena cultural santa-mariense anda movimentada: festival de música, festival de cinema, festival literário, de teatro... É um verdadeiro festival de experimentações. Definitivamente, a ordem agora é produzir, e produzir é chamar para si a responsabilidade de criar, arrecadar, organizar e executar um projeto. E são estes gestores, agitadores, produtores e empreendedores culturais que vêm fazendo de Santa Maria um pólo de destaque no cenário cultural do estado, conforme afirma a Secretária de Cultura Iara Druzian: “O cenário da produção cultural em Santa Maria é muito satisfatório, temos ótimos produtores, ótimos realizadores. Pessoas muito sérias, entidades sérias e comprometidas com o fazer cultural. Sem dúvida, a área do empreendedorismo cultural vem tomando força cada vez mais”.

Santa Maria é mesmo uma cidade privilegiada, foi umas das primeiras cidades do Rio Grande do Sul a ter aprovada a sua lei de incentivo cultural, no ano de 1996. No entanto, passados 15 anos, a lei não sofreu alterações, e de acordo com a Secretária, e, provavelmente, com muitos artistas e produtores locais, chegou a hora de revisar este processo: “já temos previsto para logo com um trabalho junto aos produtores culturais, e a sociedade santa-mariense num todo, para discutir a nossa lei de incentivo”, afirma Iara.

LIC

Como exemplo da LIC estadual e da própria Lei Federal, Rouanet, que já sofreram algum desgaste no decorrer deste tempo, a LIC-SM também necessita de reparos. Muitos projetos inscritos não têm o seu valor total captado. Outra falha é na sobra do dinheiro arrecado, que ao invés de ser revertido para a cultura, vai para a Prefeitura.

A solução deste problema é a criação do Fundo Municipal de Apoio à Cultura, principal projeto da Secretaria de Cultura para 2011. O fundo será mais uma forma de subsídio fiscal, oferecido pela Secretaria, para projetos culturais da cidade. Ele contaria com esta sobra da renúncia fiscal, uma vez que este abatimento é previsto em lei, representando 3 a 5% da arrecadação municipal. O Fundo Municipal de Apoio à Cultura seguiria o exemplo do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte) de Porto Alegre.

Quanto aos critérios para a criação do Fundo, Iara afirma que ainda estão sendo avaliados subsídios que nortearão a aprovação de projetos que serão beneficiados pelo fundo. No entanto, a Secretária salienta: “uma coisa é fundamental, nós não queremos extinguir a LIC-SM, vamos seguir mais ou menos os padrões da Lei de Incentivo a Cultura do estado, e para isso vamos discutir com as entidades culturais e com sociedade santa-mariense qual o melhor caminho, tanto para o Fundo quanto para a LIC-SM”.

Em Santa Maria a LIC-SM (mais informações sobre a LIC-SM no quadro abaixo) já funciona aos moldes estaduais, onde os projetos são enviados e analisados primeiro pela Comissão Técnica que avalia a questão operacional, e depois pelo Conselho Estadual Cultural, formado por representantes do diversos segmentos do meio cultural.

O Conselho, então, é quem faz a avaliação, para futura aprovação. A Secretaria de Cultura, após fazer a avaliação técnica, não tem mais alguma ingerência sob o projeto. Assim acontece em Santa Maria, desde 2010, ano que foi criada uma comissão específica para avaliação dos projetos culturais, com um representante, também, de cada segmento, sem nenhum envolvimento da Secretaria. Para a avaliação dos projetos a comissão segue três critérios: mérito cultural, tempo de realização (mais tempo captando recurso) e abrangência. Sem privilegiar nenhum segmento artístico.

Quanto à gestão da Secretaria, Iara prima pela organização, fazendo referência ao Sistema Nacional de Cultural: “para que tenhamos o nosso Plano Municipal, precisamos efetivar um Conselho Municipal de Cultura, implantar o Fundo Municipal de Apoio a Cultural, e ainda realizar a nossa Conferência Municipal. Precisamos tornar a cultura, em Santa Maria, permanente e efervescente”.

A permanência destas iniciativas culturais, de fato, diz respeito à Secretaria de Cultura que gerencia a verba, a rotatividade, a manutenção e demais burocracias que envolvem a cultura na cidade. Já a efervescência, fica por conta daqueles citados no início desta matéria: os empreendedores culturais.

Um destas figuras é Atilio Alencar, nome plural que representa o Macondo Coletivo, grupo formado por uma série de artistas e produtores que realizam ações culturais independentes, dentro e fora da cidade. O Macondo Coletivo trabalha, também, em parceria com o Circuito Fora do Eixo, rede de coletivos do país.

Atilio é um dos representantes desta leva de produtores culturais, que acredita que fazer cultura não só em Santa Maria, mas em todo o Brasil, só é possível quando os horizontes são ampliados, e passamos a abraçar também novas noções de bens culturais. E, ainda, quando discutimos a economia da cultura, a democratização do acesso e a comunicação

plural. O historiador ressalta que “o importante é se assumir enquanto protagonista social, ser propositivo mesmo, provocar o poder público e a iniciativa privada, sempre, com a intenção de consolidar políticas públicas mais inclusivas”.

Para a execução de grande parte das práticas culturais, o pessoal do Macondo Coletivo contou e conta com LIC-SM. “Há cerca de três anos a LIC-SM beneficia projetos culturais idealizados pelo grupo, no entanto, nem sempre acontece a captação efetiva de recursos, visto que os mecanismos de arrecadação ainda são, digamos, consideravelmente truncados. De qualquer forma, desde que nossos projetos têm captado verba pública, tratamos de pôr em prática a publicização dos eventos, garantindo entrada franca ou solidária para todas as atividades”, afirma Atilio.

O Rascunho também conversou com a produtora cultural Daiane Marin, proprietária da D. Marin Planejamento Cultural. Segue a entrevista:

Rascunho - De que forma acontece a captação de recursos para projetos culturais? E qual é a rotina de um produtor cultural?

A captação de recursos é uma fase do processo de Produção Cultural. Ele se divide da seguinte maneira: elaboração do projeto, aprovação na Lei de Incentivo, captação de recursos, execução e, finalmente, prestação de contas. O produtor cultural é o responsável pelo gerenciamento de todas as fases citadas.

O produtor cultural deve ser um bom administrador, pois trabalha com vários projetos ao mesmo tempo. É fundamental que entenda as leis de incentivo à cultura (municipal, estadual e federal) e tenha uma noção de direito tributário. A rotina do produtor é muito variada, depende dos objetivos da sua empresa e da sua atuação no mercado. A captação de recursos, só acontece depois que o projeto está elaborado e aprovado. Em Santa Maria, há muitos projetos ótimos e muitos produtores culturais excelentes. Dessa forma, a oferta é grande. Aqui, ou em qualquer cidade, as etapas de uma captação devem ser as mesmas. Primeiro, o “vendedor” deve conhecer o projeto na íntegra e sempre levar consigo a comprovação da aprovação do projeto (Diário Oficial ou outro documento comprobatório). Segundo, deve ter a percepção de levar o projeto nas empresas que tenham interesse em patrocinar aquele segmento cultural em que o projeto está enquadrado. Por último, deve negociar as contrapartidas com a empresa.

Quanto a LIC SM ela é mesmo satisfatória?

Qualquer processo deve estar em constante mudança e aperfeiçoamento. Ano passado, tanto a LIC/RS quanto a Lei Rouanet passaram por várias reformas. A LIC/ SM também precisa ser revista. Por exemplo, não concordo com o fato de que cada produtor possa enviar apenas três projetos anuais à LIC/SM. Acredito que deveria ser ilimitado, desde que o produtor tenha todas as prestações de contas homologadas.

Quanto ao teu trabalho de captadora, que projetos foram beneficiados pela LIC e/ou demais leis de incentivo a cultura estadual e nacional?

Os principais projetos aprovados na LIC SM: “1º e 2º Mostra Cultural na Expofeira”, “10º Santa Maria Vídeo e Cinema” e “Sorriso com Arte na Escola”.

Na LIC RS: “Energias da Imaginação 1º e 2º edição”, “Circuito Infantil de Teatro – 1º

Edição”, “XVIII Tertúlia Musical Nativista” e “Ciranda 2010”.

E pela Lei federal, Rouanet: “25º, 26º e 27º Oktoberfest de Santa Cruz do Sul”, “9º e 10º Santa Maria Vídeo e Cinema”, “Pregando Peça para Diminuir as Diferenças”, “Malabareando” e para algumas escolas de samba do Carnaval de Uruguaiana.

Tudo o que você precisa saber sobre a LIC-SM

O que é a LIC SM?

A Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria foi criada em 1999, tendo a função de apoiar a produção cultural na cidade. É uma alternativa de financiamento para ações culturais, que busca arrecadar recursos para projetos locais de tais áreas: Música e dança, Teatro, circo e ópera, Cinema, fotografia e vídeo, Literatura, Artes plásticas e artes gráficas, Folclore e artesanato, Acervo de patrimônio histórico, Museologia e Bibliotecas. Quem pode receber benefício da LIC SM? Qualquer pessoa física ou jurídica, de natureza cultural. Basta fazer o cadastro de Empreendedor Cultural junto ao site da Secretaria de Município de Cultura (www.santamaria.rs.gov.br/cultura). Logo após, o projeto deve ser protocolado (até no máximo 03) no setor da Lei de Incentivo à Cultura. Eles podem, ou não, serem aprovados pela comissão normativa. São levadas em consideração a abrangência do projeto e a contra partida social/cultural para o município. Se o projeto for aprovado, o empreendedor cultural recebe um certificado de aprovação e a partir daí o responsável está apto a iniciar captação de recursos. Caso não aconteça a captação, até 31 de maio do ano de vigência do projeto, o mesmo será automaticamente cancelado pela LIC-SM. Depois da realização do cadastro, inscrição, captação e realização do projeto, é necessário prestar contas ao município, para isso, existe o prazo de 30 dias da conclusão do projeto ou 30 dias após a última captação de recursos. Qual o papel das empresas na LIC SM? As empresas santa-marienses que investirem em projetos culturais por meio da LIC SM têm o abatimento fiscal de impostos municipais: IPTU, ISSQN e ITVBI.

Sociedade contra a manutenção do status quo do copyright apresenta: **BaixaCultura**

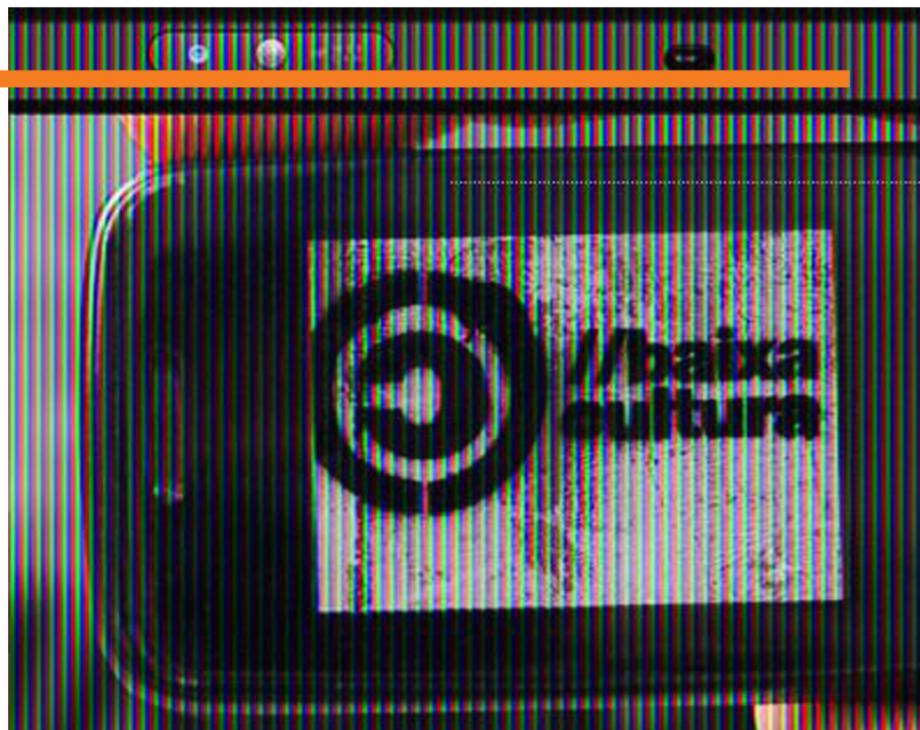
Leonardo Foletto
Marcelo De Franceschi

A lógica industrial da cultura, dominante ao longo do século XX, se baseia num esquema feroz de controle autoral (o copyright), mais ou menos feroz a depender do volume de grana envolvido. Quando a tecnologia digital torna impossível esse controle, e aos lucros cada vez menores da indústria se equipara uma produção cultural descentralizada, diversificada e auto-gerenciada; quando a reação da indústria é uma dispendiosa campanha “contra a pirataria” por vezes redundando em leis ignorantes, é aí que o percebemos algo que está na essência de tudo isso: a sociedade é a grande concorrente da indústria.

Não foi a partir dessa constatação que surgiu o site <http://baixacultura.org>, em 18 de setembro de 2008. Mas ela está no primeiro texto publicado na página, e por algum motivo permanece ainda hoje sendo fundamental na hora da publicação de cada texto. Por que, no fundo, muito do conflito que se trava hoje pode ser resumido em sociedade X indústria - indústria visto aqui como os cartéis culturais (grandes estúdios de cinema, gravadoras multinacionais) e sociedade como todas as pessoas que querem ter acesso à cultura de forma simples e justa.

Mas calma, antes expliquemos. Essa guerra permeou todos esses dois anos e pouco do BaixaCultura, mesmo que nós não tivéssemos percebido a valer isso desde o princípio. Inicialmente, a intenção era fazer, em um ou dois textos por semana, um tímido jornalismo cultural voltado para produtos a serem consumidos (apreciados, fruídos, curtidos) na rede. Com o tempo, a experiência adquirida nos assuntos em questão nos fez notar que é impossível ignorar a grande frente de batalha atual da cultura digital: os direitos autorais. É neles que chegávamos quando íamos falar do filme “Good Copy, Bad Copy”, sobre a questão da “pirataria” digital, ou de “Happy Birthday to You”, o onipresente Parabéns a Você que rende cerca de U\$5 milhões de dólares de copyright por ano à gravadora Warner, assim como em outras situações onde era fácil constatar os abusos que estavam (e estão) sendo cometidos em nome dos “direitos do autor”.

A partir daí, o suposto jornalismo cultural do BaixaCultura foi cada vez mais



ganhando um “viés”, para citar uma expressão pejorativa gostosa. Achamos nosso lado, como não manda o bom jornalismo – o que não significa ignorar o outro lado, mas desfrutar de seus argumentos com um senso crítico razoável e perceber (ou tentar) os sentidos políticos imbuídos nos discursos aparentemente simples. A página então passou a concentrar suas atividades no que está hoje em sua descrição – informação, divulgação e discussão de conceitos, acontecimentos e propostas ligadas à cultura livre e à (contra) cultura digital.

Ainda hoje, quando falamos em copyleft, creative commons e software livre, muita gente confunde “cultura livre” com “uma cultura onde os autores não são pagos” e onde não existe nenhuma propriedade (no fundo a propriedade é um roubo sempre, mas não conte isso a ninguém). No recente caso envolvendo a retirada da licença do Creative Commons do site do Ministério da Cultura, por exemplo, essa falácia foi bastante citada, o que só mostra o grau de desinformação dos argumentos das pessoas que defenderam a retirada. O que se fala em “cultura livre” é, em suma, aumentar o acesso à cultura, e não limitá-lo com a criminalização de milhões de pessoas que compartilham um filme que gostam pela rede. É constatar que é muito mais simples baixar um disco do que ir a uma loja e pagar R\$30 reais pelo mesmo produto, sabendo que quem fez as músicas do disco ganhou menos de 10% sobre o valor final do disco. Como diz uma expressão corrente desses tempos, faça melhor (mais eficiente, mais simples, com mais respeito) que eu pago.

Voltando a guerra do primeiro parágrafo: o esquema de controle autoral que dominou o século XX é hoje tecnologicamente obsoleto, e qualquer iniciativa em mantê-lo, através da criminalização de práticas cada vez mais cotidianas como baixar uma música de um site qualquer, vai ser uma jogada contra a sociedade. Contra a livre circulação da cultura e a sua propagação para os milhões de confins do mundo, e a favor de um controle sobre nossa cultura por alguns poucos – o que, pode saber, não é bom para a sociedade.

<http://www.baixacultura.org>

TAGS

#cparty Academia
Anticopyright APCM Baixe
Música Campus Party
Cartazes Censura
Cibercultura Consumo
Copyleft Copyright
Creative Commons
Crime Cultura Digital
Cultura Livre
Cópia Livre Direito
Autoral
Documentário
Download Hadopi
Imagens Imagens Pirataria
Indústria Cultural
Links Literatura Memória
Meta MinC Música P2P
Pirataria Pirate
Bay Plágio Plágio Criativo
Poesia política Projeto de Lei
Azeredo Propriedade Intelectual
Quadrinhos Remix
Software Livre Utopia Vídeos
Youtube



Em uma época em que discutir cultura é cada mais presente e também, necessário, um grupo de artistas e agitadores culturais articularam-se para, enfim, colocar em destaque o tema. Essa articulação, nacional, denominou-se Partido da Cultura, ou PCult. Um partido, não político e não formal, mas que firmou um compromisso de preocupar-se e trazer à tona as demandas culturais do Brasil.

O intuito do PCult é reunir mais pessoas, físicas, jurídicas, partidárias ou não, a encarar as prioridades do setor cultural.

O Rascunho conversou com **Frederico Cardoso** e **Leonardo Barbosa Rossato**, membros do Partido da Cultura, para explicar essa idéia de criar um partido em prol da discussão e mobilização cultural no país.

Rascunho- Como e quando surgiu o PCult?

Nas prévias eleitorais de 2010, com objetivo de elevar a Cultura para a pauta principal dos candidatos, aconteceu uma movimentação nacional no sentido da sociedade civil se organizar e experimentar uma relação mais próxima e propositiva junto a candidatos de todos os partidos políticos tradicionais – ressaltamos a palavra “tradicionais”, pois o PCult não é mais um tradicional, mas uma união de cidadãos partidários da cultura e entendendo a cultura como algo maior que a arte (importantíssima, sem dúvida).

A Cultura é a Mãe e, partindo deste conceito, tratar de forma consistente e permanente o assunto, debatemos e elencamos propostas e ações, mapeamos o que já está em tramitação, iniciamos diálogo com candidatos, permanecemos em diálogo após o período eleitoral e estamos sempre abertos a novas participações. Basta ser cidadão brasileiro e querer participar. Nossos fóruns de debate são abertos (lista nacional e estaduais sendo criadas, além de reuniões presenciais de portas abertas).

- Como funciona a estruturação do Partido da Cultura? É estadual, nacional, através de coletivos?

Tanto coletivos como pessoas físicas estão representados no PCult, mas essencialmente é uma união de cidadãos. Existem demandas nacionais e demandas específicas de cada Unidade da Federação e municípios. Na lista nacional e nas reuniões presenciais nacionais que promovemos – uma em Uberlândia, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro – foram definidas a Carta de Princípios e as demandas nacionais. A partir da Carta, os estados estão organizando seus trabalhos, de acordo com as realidades locais e tudo acontece pública e coletivamente. O importante de estarmos conectados é que vitórias locais – mesmo que pareçam pequenas e distantes do ideal – reverberam por toda a rede e servem de estímulo para todos nós.

Existe uma equipe trabalhando nacionalmente e os PCults locais trabalhando as políticas locais, como a constituição de Sistemas Estaduais, Conselhos, Fundos, Leis de Incentivo e tudo que envolve o campo da cultura, tudo na direção de contribuirmos para a constituição de bancadas que lutem pela área no Congresso, Senado e Câmaras Legislativas.

- Qual a abrangência do PCult hoje?

Estamos em todo o país, mais bem organizados em uns do que em outros, o que é natural para uma movimentação com menos de um ano. Mas, falando de outro tipo de abrangência, o PCult não se trata de mais uma instância de artistas e produtores de cultura. Lógico que fazem parte e ainda somos a maior parte. Acontece que estamos investindo esforços no diálogo com outros setores da sociedade civil – ambientalistas, professores, blogueiros. Além disso, a sociedade civil organizada costuma manter relação de diálogo e pressão no poder executivo. Além de reforçar sem sombrear ou se sobrepor a lutas e bandeiras já existentes e defendidas, o PCult investe fortemente junto aos poderes legislativos – municipais, estaduais e federais – utilizando os fóruns e mecanismos existentes.

Percebemos que o PCult está contribuindo para a ampliação do debate nacional.

Os grupos, coletivos, agentes estão começando a questionar o porquê de seu município possuir uma Diretoria de Cultura ligada a alguma Secretaria e não uma Secretaria independente, o porquê de não possuir Conselho de Política Cultural e se possui porque não é deliberativo e paritário com a sociedade civil, Fundos de Cultura e orçamento para fomentar a classe. Enfim, politizar cada vez mais o debate da Cultura e ampliar sua significação.

- Quais são as principais demandas no setor cultural do Brasil? E quais as ações que precisam ser implementadas e/ou melhor desenvolvidas?

Hoje, o PCult pretende que os parlamentares eleitos se comprometam com a pauta e lutem pela aprovação de leis importantes em tramitação, como o Sistema Nacional de Cultura, a PEC 150, que destina o mínimo de orçamento de 2% pro Minc, 1,5% pros Estados e 1% pros municípios, o Vale-Cultura, a Cultura como direito social na nossa Constituição, as reformas das Lei Rouanet e dos Direitos Autorais, por exemplo.

Estamos em um momento no Brasil que precisamos institucionalizar cada vez mais as políticas culturais. Por isso a importância da implementação do Sistema Nacional de Cultura e, conseqüentemente, os Estaduais e Municipais. Como ocorre na Saúde e na Educação, queremos a Cultura tratada como política de Estado e essas leis citadas acima vão contribuir pro esqueleto essencial da política cultural. Conceitualmente e idealmente, queremos ver a Cultura mais transversal, conversando diretamente com a Educação, Comunicação, Ciência e Tecnologia, Saúde, Trabalho e Emprego. A cultura como motor de um desenvolvimento realmente sustentável, de uma economia mais solidária, de um trabalho mais digno – em anexo, a nossa Carta de Princípios e as ações e propostas.

- O PCult já observa ‘conquistas’ desde o seu início?

Apesar de seu pouco tempo de movimentação já vimos que vários grupos, coletivos, agentes e movimentos entenderam que o PCult é uma forma de unir todos que lutam por essa consolidação da política cultural. Vários políticos já se uniram no intuito de contribuir na formação da bancada da Cultura. A pressão da classe unida provocará essa transformação e o PCult pretende contribuir nessas conquistas.

Por exemplo, no Rio de Janeiro não existe conselho municipal de cultura, nem muito menos fundo de cultura. A partir do PCult e das relações iniciadas com os candidatos e seus partidos, iniciamos trabalho de formação da frente parlamentar pela cultura carioca na Câmara dos Vereadores. Também no Rio de Janeiro – aí no âmbito estadual – acordamos com a coordenação do Sistema Estadual de Cultura que o PCult estará presente e todas as reuniões em cada município do estado.

- O que diferencia o PCult dos demais partidos políticos?

O PCult não é nem pretende ser um partido político, não lançamos nem lançaremos candidatos próprios e não apoiamos candidatura alguma, mas candidaturas apoiaram e apóiam as demandas elencadas e trabalhadas pelo PCult. O nome veio como uma provocação, no sentido de que nosso partido é a cultura, tomamos partido por ela e lutaremos por um melhor posicionamento dentro da política brasileira. Somos um movimento apartidário de atuação suprapartidária, com o firme objetivo de não deixarmos que as rixas e desavenças partidárias se sobreponham às demandas da população.

- Como fazer parte do PCult?

Basta querer e nos procurar. Colocamos todos na conversa – direita, esquerda, centro. Este é o início. Mas fazer parte mesmo só depende de cada um. A participação de cada um é que nos fortalecerá cada vez mais e nos fará ficar sempre o mais perto possível do que a população precisa.

Frederico Cardoso, Cineclubista, curtametragista e ativista cultural

Leonardo Barbosa Rossato, Agente cultural do Circuito Fora do Eixo e militante do Partido da Cultura

<http://partidodacultura.blogspot.com>

Direitos do público: cineclubes e direito autoral

Grande parte da produção audiovisual não encontra vazão na estrutura de distribuição e nos mecanismos de acesso à circuitos comerciais mesmo que se tenha a compreensão do acesso aos produtos audiovisuais como um direito fundamental. O cinema é concebido como um produto cultural, porém sua distribuição e circulação obedecem critérios de mercado (oferta, demanda, lucro, consumo etc.).

Isso se deve ao fato de que onde o cinema não oferece lucros substanciais não há interesse na sua oferta, tendo como resultado imediato o desconhecimento de grande parte da população da produção audiovisual brasileira.

Mesmo com o aporte de políticas públicas, essencialmente nos últimos quatro anos, os espaços coletivos de troca e compartilhamento de bens culturais imateriais estão cada vez mais restritos.

Isso é um paradoxo, pois, o avanço da tecnologia de produção, armazenamento, cópia, circulação e distribuição de conteúdos por um lado ampliou, sem precedentes, a possibilidade de acesso às produções culturais sem intermediários e mais precisamente acesso à informação. Por outro lado, criou um mecanismo de fruição individualizada, estéril de debate, sendo, o debate e a troca, a base de construção de conhecimento. O fechamento de salas de cinema de calçada cedendo espaço à especulação imobiliária é um triste exemplo dessa realidade.

Recente estudo do Ministério da Cultura (MinC) revelou que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro concentram 1002 salas comerciais de cinema enquanto Alagoas, Rondônia, Tocantins, Amapá, Roraima e Acre somam ao todo 25 salas. Toda a região sudeste possui 1244 salas comerciais de cinema, a região norte 60.

A distribuição da produção audiovisual no Brasil demonstra como a socialização da cultura segue os mesmos parâmetros das demais desigualdades observadas no país. O mapa da distribuição da produção audiovisual se evidencia desigual na medida em que 90% dos 5.564 municípios brasileiros não possuem salas comerciais de cinema.

A concentração de salas de cinema nas regiões economicamente mais desenvolvidas do país está diretamente relacionada à questões de mercado. As salas são inviáveis – na perspectiva do audiovisual como mercadoria – em municípios pequenos (com menos de 100.000 habitantes) e em regiões distantes dos eixos industriais do Rio de Janeiro e São Paulo (onde também se concentram as grandes produções em cinema e televisão e grande parte dos incentivos culturais).

Talvez isso explique o fato de que somente 13% da população brasileira frequenta salas comerciais de cinema ao menos uma vez ao ano e que da população brasileira com idade entre 15 e 29 anos (mais de 50 milhões) 60% desses nunca foram ao cinema. O perfil de quem frequenta salas de cinema no país também reflete o cenário de exclusão social e econômica: homem, branco, com curso superior que assiste longas de aventura ou comédia.

E com todas as dificuldades, quando é possível frequentar salas de cinema, o produto exibido não reflete a produção nacional.

Mas poderíamos assistir filmes independentemente da oferta comercial. Aí adentra a questão da propriedade intelectual, um conjunto muito complexo de proteções que transformaram a cultura em propriedade privada, em mercadoria e de certa forma evidenciam a figura do intermediário na produção e circulação de bens culturais imateriais. Mas se os bens culturais necessitam de outros bens culturais para se desenvolverem, a restrição ao acesso e uso destes diminui a diversidade e a pluralidade da produção social!

Na origem, no processo da Revolução Francesa, a idéia de direito do autor visava proteger a figura do criador, o respeito às suas idéias e a participação nas vendas de suas criações. Mas, gradativamente, com as técnicas e os meios de produção sendo concentrados em mãos de empresas e indústrias, os criadores se viram forçados a entregar/ceder sua obra (à uma editora, gravadora, produtora...); travestida de mercadoria então, passou a lidar com a escassez e com as limitações de circulação; a cultura como mercadoria é de poucos e para poucos. O valor elevado de livros (atualmente cds e DVDs) é fruto do monopólio de empresas concedido pelo Estado.

O direito exclusivo à cópia e a escassez artificial do produto, garantem o lucro das empresas e de forma alguma garantem a proteção do criador da obra.

Na introdução da legislação (copyright - literalmente o direito de cópia e direito autoral) há mais de três séculos, não havia a possibilidade de “cópia privada” ou de “reprodução sem fins de lucro” na medida em que o monopólio de cópia garantia ao dono das máquinas o lucro. O direito de cópia era arma comercial de um empresário contra um outro. Ou seja, a proteção à cópia e circulação dizia respeito à questão comercial da cultura. Como a maioria das pessoas não detinha as máquinas de cópias, ou se pagava o preço atribuído (não pelos autores/criadores,

Gilvan Veiga Dockhorn

Professor UFSM/UESSM

Secretário Geral do CNC (Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros)

mas sim pelos donos das máquinas capazes de reproduzir as obras) ou não se tinha acesso às obras e ao processo desta criação.

Atualmente essa situação foi alterada com o avanço tecnológico que permitiu a quebra do intermediário. Com a internet o meio físico (lp, cd, k7, livro, filme...) perdeu sua função, é possível baixar qualquer tipo de conteúdo e socializá-lo, ou seja, o público se organiza, não opera mais nos marcos de emissor/receptor, produto/processo, ao ter acesso às máquinas de reprodução, armazenamento e compartilhamento (computador, gravador, internet, mp3, mp4, fotocopadoras etc.) pode fruir das criações e ser um novo criador. O conteúdo se dissemina independente das restrições impostas pela lei.

Se o saber possui uma gênese social, todas as idéias foram direta ou indiretamente influenciadas por pessoas, por relações sociais, pela comunidade de que faz parte o criador. Logo se a produção é comum, seu uso não comercial deve permanecer tal qual. A produção, o acesso, o armazenamento, a distribuição, o compartilhamento, a circulação e a cópia atingiram um patamar que os estatutos jurídicos não dão conta. Pelo contrário, a legislação atual se coloca como barreira nos processos de construção do conhecimento, de educação, de acesso, de aprimoramento e inovação de criações intelectuais.

De imediato se impõe limites ao direito patrimonial, à posse comercial para que a criação cultural possa atender o interesse público e garantir o acesso mais amplo à educação e cultura dado que o acesso é a porta de entrada para o exercício dos direitos culturais, dado que bens culturais definem as relações de identidade e que devemos pensar a função social da propriedade e dos próprios intermediários que permitem que a obra circule desde que tenham proventos econômicos. O cineclubismo se posta como viabilizador do exercício do desenvolvimento da personalidade e vida digna através das imagens em movimento. O cineclubismo é espaço de exercícios dos direitos culturais – este sendo um dos direitos fundamentais ao promover através de sua série de atividades a inclusão, cidadania e o exercício da democracia, com respeito à diversidade cultural e aos espaços da espontaneidade cultural.

A legislação deveria proteger o direito do criador e impedir o perpétuo monopólio cultural de alguns poucos indivíduos, entidades e empresas. Contudo, atualmente ela representa uma contradição entre a cultura produzida socialmente e o seu acesso. O direito do autor e o copyright, da forma como estão estabelecidos, se confrontam com o direito social, da coletividade e as possibilidades de acesso à cultura proporcionadas pelo avanço tecnológico. Há se lembrar de que há uma vasta distância entre direito do autor, de manter a autoria da criação e o direito patrimonial de exploração comercial da obra.

Os bens culturais imateriais são bens não rivais, minha utilização não impede a utilização de outro, pelo contrário, se outra pessoa o utiliza, o multiplica, pertence a quem o usa sem deixar de pertencer à fonte original. O autor da criação não perde quando sua obra é lida, escutada, vista; a obra intelectual não pode ser compreendida como propriedade individual, mas como trabalho coletivo.

A difusão livre, sem fins lucrativos (como exposições cineclubistas mas também a utilização de músicas em festas comunitárias, fotocópias de livros, arquivos digitais) concretizam um direito fundamental, o direito ao acesso à bens culturais imateriais e o direito de participação na vida cultural; não concorrem com a exibição comercial (se não há salas de cinema quem garante o acesso?); equilibram o direito patrimonial e o interesse público; não prejudica injustificadamente os legítimos interesses do autor; colaboram na educação cultural (ninguém faz filme sem ver filmes); e são elementos na garantia da democratização cultural (pressupõe exposição às obras artísticas).

Cineclubes são espaços culturais para o exercício do direito à cultura na medida em que se coloca como espaço não comercial; democrático; não concorrencial pressupondo que o realizador é parte do público, que quem cria, cria a partir de um patrimônio cultural e que o grande mérito do criador é enriquecer o patrimônio imaterial.

“ Eu vos abraço, milhões ”

O Moacyr Scliar é daqueles escritores que a gente lê, aprende a gostar e fica ansioso, aguardando o próximo lançamento. Pois basta saber que é do Scliar para se adquirir a obra. E foi assim com “Eu vos abraço, milhões”.

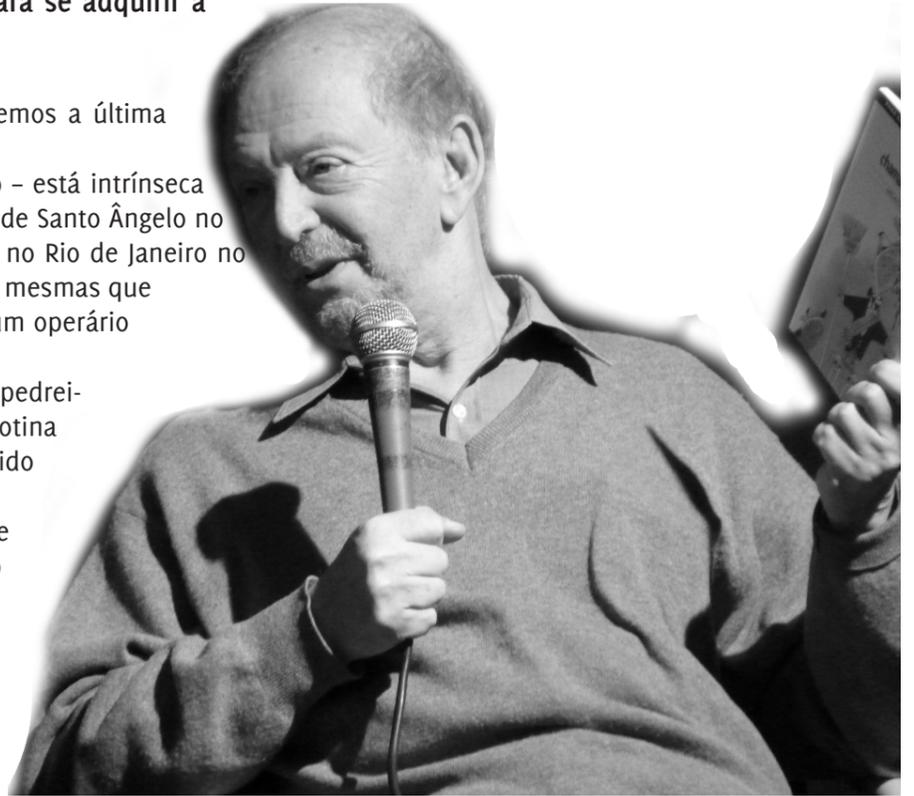
Uma narrativa que flui com facilidade. Ficamos envolvidos pela estória e pelos personagens de tal maneira que não sossegamos enquanto não vencemos a última página. Claro, isso é uma característica de escritores excepcionais.

“Eu vos abraço, milhões” é um romance, mas poderia ser um ensaio político – está intrínseca uma reflexão ideológica –, pois conta a trajetória de Valdo, nascido no interior de Santo Ângelo no início do século XX que sai de sua terra para ser um militante revolucionário no Rio de Janeiro no final da década de 30. No Rio de Janeiro suas esperanças socialistas não são as mesmas que cultivara em sua terra natal. A vida de trabalhador braçal vai tornando Valdo um operário na vida real. E a revolução fica cada dia mais distante.

Na construção do Cristo Redentor – onde exerceu a função de ajudante de pedreiro – suas inquietações afloram, as certezas, aos poucos, vão se diluindo na rotina do trabalho. As incertezas se evidenciam nas divergências internas do partido comunista.

Enfim, encerra a trajetória como um bem-sucedido empresário em Porto Alegre às voltas com o golpe de 64. “Eu vos abraço, milhões” é um livro para ser lido por todos aqueles que sonharam com a revolução e por desencanto perceberam que a coisa não é bem como o planejado. Não é bem como foi pregado nos encontros clandestinos e nos conchavos ideológicos.

É uma pena essa morte prematura do Scliar. Na minha humilde opinião, todo escritor morre jovem, pois sempre deixa algumas obras para serem escritas – consta que Moacyr deixou dois romances iniciados – mesmo que seja um centenário da palavra. Após encerrar a leitura, em uma serena tarde de chuva, concluí que “Eu vos abraço, milhões” é um dos melhores livros do Scliar. Altamente recomendável para todas as idades.



Moacyr Scliar na Feira do Livro de 2010

Em torno de Marx

A queda do muro de Berlin e em consequência a derrocada do socialismo do Leste Europeu colocou o pensamento de esquerda em crise.

Alguns, mais afoitos, declararam o fim da história. E nesses últimos anos o mundo mudou e vem mudando diuturnamente. Consolidando-se a democracia como os anseios de uma sociedade moderna. Nas estantes das livrarias escassearam os livros que tratam da ideologia.



Os pensadores de esquerda estão nos devendo um debate aprofundado sobre o socialismo democrático. Se por um lado há uma necessidade de uma discussão aprofundada dos caminhos da esquerda nas teses socialistas, nas conquistas de governo, tem sido bem sucedida, haja vista alguns governos da América Latina.

Embora a carência desse debate ideológico, Leandro Konder nos apresenta esse Em torno de Marx. Um belo exemplar que recoloca na pauta nomes como Marx, Engels, Lênin, Trotski, Gramsci, Lukács e tantos outros.

Eu diria que é uma leitura obrigatória para aqueles que – na engrenagem da máquina estatal – se desvirtuaram de algumas teses históricas e caras para a esquerda.

O livro é composto de três partes.

Em torno de Marx que trata de vários temas relacionados pelo filósofo entre eles: O homem e a obra revisitados, a moral, religião, morte, Marx na história e história em Marx e dialética.

A herança de Marx faz uma breve releitura das obras dos marxistas Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, György Lukács e Antonio Gramsci.

E por fim O Marxismo no Brasil que recapitula os primeiros militantes e a fala da direita no Brasil, de 1936 a 1944.

Algumas abordagens são bem interessantes. Há uma citação do próprio Marx afirmando que não era marxista. Aspectos da vida pessoal do filósofo, o relacionamento com os filhos e com o pretendente a genro Paul Lafargue mostra um Marx preocupado com o futuro dos filhos, no caso, a filha Laura. Por vezes, numa atitude conservadora na cobrança da postura do genro diante da amada.

Nas análises dos pensadores despertou-me maior interesse na leitura ou releitura de Lukács e Gramsci, que, segundo Konder, era o mais fascinantes de todos os marxistas.

Konder cita vários livros dos autores analisados e os mais diversos temas que escreveram.

Em torno de Marx é uma espécie de livro de “auto-ajuda” político para aqueles que estão meio desacreditados da ideologia ou que estão assoberbados e em estado de êxtase diante do poder, esquecendo algumas cláusulas pétreas de uma verdadeira esquerda democrática.

Leandro Konder fica nos devendo um Em torno de Marx no Brasil no século XXI. Um debate interessante. Partindo do pressuposto que haja um marxista no governo Dilma, imagino que não seja fácil ser marxista e pragmático quando negociar cargos ou fazer acordos com a base aliada.

Essa discussão precisa ser feita com uma certa urgência, pois, como alguém citou no livro, não queremos concluir que o último marxista tenha sido Trotski.

Athos Ronaldo Miralha da Cunha

<http://quemallhepergunte.blogspot.com>

Contos de Nilta | Nilta Graciolli - Patronesse Feira do Livro Infantil



Nilta diz que aprendeu a gostar da literatura através das histórias ouvidas no rádio, da fantasia que isso gerava. Passados os anos, ela viu que as crianças estavam lendo menos, mas com esse mesmo encantamento, quando ouviam. Nilta, hoje dedica-se à educação e a fazer algo para que as crianças tenham novas perspectivas de um futuro melhor. Confira a entrevista da Patronesse do Livro Infantil:

Rascunho - Como foi receber a notícia que seria Patronesse da feira do Livro Infantil?

Quando soube achei que havia ouvido mal, então perguntei novamente. Foi uma surpresa, susto que ao mesmo tempo se transformou em uma imensa alegria e honra. Jamais esperava tal reconhecimento, uma vez que imaginava estar realizando meu trabalho em prol da leitura no anonimato.

Rascunho - Quando começou a trabalhar com literatura infantil?

Em 1997 eu trabalhava na biblioteca do Colégio Antônio Ramos e dentre as atividades, fazia empréstimos de livros. Porém, observava que muitas crianças eram apáticas quanto à leitura e que emprestar livros simplesmente, não bastava. Então, resolvi começar a contar histórias utilizando fantoches, recursos lúdicos e me motivei ao perceber que as crianças passaram a ler mais. Pensando em aproximar mais os alunos dos livros, da leitura e dos escritores de Santa Maria passamos a organizar a Feira do Livro dentro do Colégio.

Em 1999, cursava Pedagogia na UNIFRA e a professora Magali Lopes da Luz, pediu que fizéssemos uma história infantil e criei Dona Lagarta Pipoca (meu primeiro livro). Na intenção de homenagear meus alunos e a professora Magali, resolvi transformar a história da lagarta em um livro. A partir do lançamento fui criando e desenvolvendo projetos de incentivo à leitura até os dias atuais.

Rascunho - Você é criadora e participante de vários projetos culturais para o público infantil. Quais são as motivações e objetivos dos seus projetos?

A principal motivação é o sonho de construirmos uma cultura humanizadora e assim, vivermos num mundo feliz e justo. Conto, escrevo e trabalho com projetos utilizando histórias infantis por acreditar que as crianças ao ouvirem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo.

Dentre os objetivos dos projetos estão: incentivar o hábito da leitura e da escrita, possibilitando o contato com livros infantis; mostrar de que maneira as histórias infantis contribuem com a formação do ser cidadão e o resgate da auto-estima, possibilitar momentos que instiguem para uma leitura crítica de mundo a partir de com as histórias trabalhadas; oportunizar diálogos a fim de resgatar a palavra de cada ser humano e assim, permitir que se sinta sujeito com voz e vez.

O principal público dos projetos que criei ou participo não são apenas crianças, mas também jovens, adultos e idosos carentes economicamente e afetivamente. A maioria deste público é desprovido da convivência familiar.

Rascunho - Como você vê o papel do livro infantil na nossa contemporaneidade

tão tecnológica?

A criança é receptiva à ludicidade, à brincadeira, às histórias infantis. Porém a relação que ela vai estabelecer com o livro infantil vai depender muito da forma como o adulto irá oferecer a ela o contato com o mesmo.

Nos dias atuais o livro infantil é um recurso precioso na medida em que adulto perceber que uma história bem contada,

envolve a criança e a mente infantil, que vai seguindo o enredo,

personagens, os sentimentos. O desfecho produz uma emocional de encantamento; a euforia se produz em satisfação

que se manifesta quando os medos, as ansiedades, as maldades são vencidas nas histórias porque a criança se coloca a favor dos valores que acredita serem “certos”, passando a vivenciar esses valores através das histórias, modificando a sua maneira de pensar e agir.

Isto comprova que as histórias infantis mexem com emoções, imaginação, criatividade e oportunizam relações de aproximação da criança com o adulto. Entretanto quando uma criança está diante de um computador para jogar ou ler ou da televisão ela não estará estabelecendo vínculos afetivos com outro ser humano e sim com uma máquina que não possibilita o diálogo.

O prazer de trocar páginas, de tocar no livro, de carregá-lo junto não pode ser substituído pela tecnologia.



o
en-
in-
os
carga

que

A Patronesse da Feira do Livro Infantil

- Nilta é pedagoga, formada pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra) e pós-graduada em Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

- É criadora e coordenadora dos projetos “Chá de talentos”, desenvolvido anualmente no Colégio Antônio Alves Ramos e “O jogo e a literatura infantil como motivadores no processo de construção do conhecimento”, na UFSM

- Participa dos projetos “Hora do Conto: Meninos e Meninas lendo o mundo e a palavra”, “Humanização e Cidadania”, “Identidade e Práxis Educativa: professores lendo o mundo e a palavra”.

- Lançará na Feira seu segundo livro “Dona Lagarta Pipoca e o Macaco Mentiroso”.

Estado de graça | Maria Eulália Albuquerque - Professora Homenageada

Da



pré-escola ao final da vida acadêmica, ela assume inúmeras faces. Ensina de maneiras diferentes, exige em níveis diferentes, zela por seus pupilos como se fossem seus próprios filhos e durante algumas horas no dia, ela realmente faz às vezes de mãe. E deve ser amada e respeitada como uma mãe, também. Ela se preocupa em fazer com que cada um ao passar em sua vida tenha firmeza nos passos em busca de seu lugar ao sol e vibra, mesmo de longe e sem que ninguém perceba, quando objetivos são alcançados.

Além de nominar patronos e homenageados, a comissão da Feira do Livro de Santa Maria resgatou o tributo a essa personagem que é de suma importância na vida de todos, e foi muito bem escolhida: quem recebe a homenagem esse ano é a professora Maria Eulália Tomasi Albuquerque.

Maria Eulália levou um susto ao ser escolhida, “foi um misto de sentimento. Fiquei perplexa”, confessa a professora ao Rascunho. “Recebo a homenagem com carinho, alegria, seriedade e muito orgulho, também”.

Em

que

harmonia

um momento único.

O livro é,

desconhece,

estão sempre de

como parte importante

na história da

educação

santa-mariense.

seu tempo de estudante, e no tempo de tantos outros, o livro era peça-chave nos estudos. Aparelhos como iPads, Galaxy Tabs e Kindles, são verdadeiras bibliotecas ambulantes, nem sonhavam em aparecer. Hoje, está um pouco diferente: esses dois mundos coexistem em harmonia e são bem aceitos pela professora. “Seja como for, é leitura”, diz ela. Ainda assim, a professora acredita que o primeiro contato com o livro seja um momento único. “Nada substitui fazer do livro um amigo”.

O livro é, além de um grande amigo, um dos melhores “assistentes de ensino” que existem. Como a leitura não conhece horizonte, é visto que a escrita também desconhece, estão sempre de mãos dadas. “Lendo se tem mais facilidade para escrever, o vocabulário flui e o estilo de cada um escrever se forma. Um sempre cabe no outro”.

Maria Eulália é uma segunda mãe que se preocupa com o futuro, seja ele próximo ou o que se espera dele. Ficava feliz quando seus alunos de ensino fundamental liam dois livros por mês, com a oportunidade de passar o que aprendeu com seus mestres e seus melhores amigos, imagine agora que sua jornada fora reconhecida como parte importante na história da educação santa-mariense.

- É formada em Letras na Universidade Federal de Santa Maria, possui Especialização em Letras, Mestrado em Estudos de Linguagem e Doutorado em Lingüística na Universidade Estadual de Campinas.

- Atua como professora de ensino fundamental, médio e universitário há 41 anos.

-Atualmente é professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria e Coordenadora do Curso de Letras Português/Literaturas – Bacharelado (UFSM)



Esculpindo Palavras

Lígia Militz da Costa - Patronesse Feira do Livro

Existem coisas que se aprendem a gostar, outras que não gostamos e aquelas que são naturais, que nascem com a pessoa, e a paixão de Lígia Militz da Costa por tudo o que envolve a escrita cresceu junto com ela e se solidificou ao longo de sua vida. Com uma estrada de belas paisagens em seu retrovisor e uma visão única do futuro, Lígia entra para a história de um dos eventos mais importantes do estado, agora como patronesse. Confira a seguir a entrevista que o Rascunho fez com a professora, que também fala das duas obras que estará lançando na Feira do Livro 2011.

Rascunho – Com tantos prêmios e homenagens na área cultural e literária, conta para nós quando foi que se interessou pelas letras e artes, e quais são as suas inspirações?

Lígia – Pelas Letras interessei-me já na escolha da opção para fazer o vestibular. Estudara no Centenário, e lá, era rigoroso, disciplinado e excelente o ensino de Português, Inglês (com as "misses" americanas), Francês e Latim. Eu gostava e tinha facilidade para estudar todas as línguas e, inclusive, a pedido dos professores, auxiliava colegas também internas no Colégio, dando-lhes "aulas particulares". A aptidão para as Letras foi-se solidificando, junto com o gosto pela leitura, redação de textos e declamações de poemas (em português e francês). Ainda no Curso Primário, em São Pedro do Sul, mostrava facilidade para escrever e ler, sendo bastante solicitada e estimulada pelas professoras.

Junto com as Letras, sempre também fui interessada pelas artes. Adolescente, pintei várias telas e gosto de tocar música de ouvido. Já fiz crítica de artes e cinema, e gosto de ensinar literatura, evidenciando correlações com a pintura e a arquitetura.

Descobri minha principal vocação nas Letras - produção do ensaio crítico da literatura -, graças à Universidade, como professora e pesquisadora, realizando Mestrado (PUCRJ) e Doutorado (PUCRS), com a orientação magnífica de professores maravilhosos. Tenho muita satisfação em ler obras literárias em prosa ou verso e escrever sobre elas, pautando-me em fundamentações da Teoria da Literatura que me dêem condições para uma avaliação com o máximo de isenção pessoal. Gosto também de escrever poemas, mas para eles a inspiração é diferente - é mais lírica e comovente -, e menos instigante do que o desafio do raciocínio lógico, do mistério maravilhoso e da montagem astuta, que a ficção muitas vezes oferece.

Rascunho – Você acompanha a Feira do Livro desde quando?

Lígia – Lancei meu primeiro livro na Feira de Porto Alegre, em 1976 e, também lá, noutras oportunidades, lancei outras obras. Aqui em Santa Maria, pude acompanhar as diversas edições do evento ainda na década de 70, e, participar, principalmente, a partir de 1990, com lançamento de livros de minha autoria ou em parceria, ou ainda como organizadora e coautora de dezenas de outras edições.

Rascunho – Como você vê a Feira do Livro hoje? Qual a relevância dela para a cidade de Santa Maria?

Lígia – Vejo a Feira como um acontecimento enraizado na cultura de Santa Maria, sendo o mais expressivo e importante de todos eles. A presença em massa da população santa-mariense na Praça demonstra que a Feira já faz parte da identidade local, que já está incorporada com naturalidade às agendas dos habitantes e, passou a compor, por isso, o perfil urbano dos cidadãos. A Feira é sinônimo de valorização da cultura através dos livros, e ao manter o evento por 38 anos, nossos gestores e lideranças culturais mostram que acreditam no papel civilizatório que a leitura proporciona a cada um e a toda a sociedade. A Feira é uma festa insubstituível, e não estimativa para a dimensão emancipadora que ela proporciona. E ela ainda transforma a Praça como que numa biblioteca viva e atraente, aberta democraticamente a todos que a ela acorrem.

Rascunho – Como recebeu a notícia que seria Patronesse da Feira? O que representa ser a Patronesse da feira?

Lígia – Recebi com grande susto. E grande alegria. A distinção significa imensa

responsabilidade em nosso contexto cultural. Nem eu sabia que era tão significativa assim para a comunidade a deferência do título. Estou impressionada com a movimentação que a Feira causa na cidade, com o envolvimento maravilhoso das entidades promotoras, imprensa, administração pública, todos, enfim, que se mostram engajados e unidos para valorizar esse momento em que o livro é o centro da festa, entendido como difusor de conhecimento e de humanização. Como patronesse, acho que devo ser um exemplo vivo de que ler e gostar de livros garante amadurecimento e qualidade de vida.

Rascunho – Em sua opinião, qual a importância da leitura na nossa sociedade contemporânea, imersa em tanta tecnologia?

Lígia – É fundamental. Penso que ela permanecerá, porque, mesmo em e-books, continuaremos lendo sempre. É possível ser um letrado sem ler?

Rascunho – Conta um pouco do seu novo livro que será lançado nesta edição da Feira.

Lígia – Prefácios na vitrine, lançamento dia 11 de maio, às 17h30. São 32 textos que escrevi sobre obras de 28 autores, no período de 1979 a 2011. O outro livro é Em prosa e verso III (dia 14 de maio, 17h30), obra da Academia Santa-Mariense de Letras, que organizo e sou coautora.

A Patronesse

- Possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade Franciscana, Mestrado em Letras Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Hoje é professora universitária aposentada, da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade de Santa Cruz.
- Foi Presidente e membro da Associação Santa-Mariense de Letras
- Foi fundadora da Academia Santa-Mariense de Letras, a qual é Presidente atualmente.
- Trabalhou como Diretora da Ação Cultural e Diretora da Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide
- A Patronesse é autora de 12 livros próprios e é coautora de diversos outros
- Participou como organizadora e coautora das 24 antologias publicadas pela Associação Santa-Mariense de Letras
- Possui mais de 70 artigos publicados em jornais, e em torno de 30 ensaios para revistas.